

# Ted Hughes – Fidelidade

Era um lugar para morar. Eu vivia  
Cercando você, fazendo a corte,  
Impelido pela maré matinal e a embriaguez  
Dos vinte e cinco anos. Eviscerada, refeita  
À moda da época, a Alexandra House  
Virou um dispensário. Isso foi antes  
Do tempo da vanguarda dos cafés.  
Na cantina barulhenta do British Restaurant,  
Serviço público que sobrevivera à guerra,  
O desjejum curava os estragos da noite.  
Mas ia-se à Alexandra House para ser visto.  
As funcionárias moravam no prédio  
Com um séquito de vadios que navegavam as noites  
E dormiam os dias. Dei um jeito de arranjar  
Um colchão lá em cima, num sótão,  
Com vista para a Petty Cury. Um colchão  
Nu, sobre tábuas nuas, num quarto nu.  
De meu, só um caderno e o tal colchão.  
Sob a clarabóia – castanheiros carregados de botões  
Até maio – tenho largado meu emprego, meu único  
Trabalho era ganhar você, gastando tudo que eu juntara.  
Livre da Universidade, eu regalava-me  
Com suas liberdades. Todas as noites  
Dormia no colchão, sob um cobertor,  
Com uma moça linda, recém-fugida  
Do marido para expor-se na fronteira  
Do trabalho num dispensário. Que ideal cavalheiresco  
Me prendia ali? Relembro esse tempo  
Como um tempo que não passa nunca,  
Que não usei, e que portanto ainda é meu.  
Eu e ela dormimos abraçados,  
Nus e à vontade como amantes, trinta noites,  
E não fizemos amor nem uma vez.  
Uma lei sagrada se inventara, para mim,

Mas também ela a obedecia, qual sacerdotisa,  
Terna, carinhosa e nua em pêlo a meu lado.  
Com o dedo percorria em minhas costas os lanhos  
Que você nelas traçara, como se entrasse  
Em minha obsessão, minha concentração,  
Para manter intato meu propósito.  
Nem uma vez me convidou, nem me tentou.  
E nunca fui além de lhe estender  
Confortos de irmã. Eu era como sua irmã.  
A coisa parecia natural. Eu estava concentrado  
Em você com tanta intensidade, tanto brilho,  
Que não enxergava nada que não fosse você.  
Ainda hoje me pergunto – não sei se devo  
Me invejar ou ter pena de mim. A amiga dela  
Tinha um quarto maior, e era mais ousada.  
Fomos morar com ela. O quarto enorme  
Virou dormitório e quartel-general,  
Alternativa a St. Botolph's. Gorducha e vistosa,  
Rindo, expondo sem pudor o espaço entre os dentes,  
Fez tudo que pôde para que eu a possuísse.  
E você nunca há de saber o quanto lutei  
Para manter minhas palavras coerentes  
Com o mundo que construíamos a dois.  
Eu temia que, perdida essa batalha,  
Alguma coisa nos abandonasse. Eu levantava  
Aqueles moças nuas, a sorrir para mim,  
Moças de vinte e poucos anos, e as largava  
Sobre a soleira de nosso futuro improvável  
Tal como outrora, para proteger um novo lar,  
Sob a soleira nova enterrava-se  
Uma criança sem pecado.

**Ted Hughes, Cartas de aniversário**